

Wendell Teles de lima<sup>1</sup>  
Sebastião Perez de Souza<sup>2</sup>  
Ana Maria Libório de Oliveira<sup>3i</sup>  
Marcelo Lacoort<sup>4</sup>  
Iatiçara Oliveira da Silva<sup>5</sup>  
Weldson Figueredo Gonçalves<sup>6</sup>

**Resumo:**

Passado a época do ostracismo em que a geografia política ficou esquecida pela sua proximidade ou lembrança com a geopolítica e estigmatizada em função dos interesses imperialistas alemães que ficou diretamente ligada ao nazismo. Esses contextos trouxeram consequências graves a análise política do espaço, o ensino foi prejudicado em função da hegemonização da escola francesa resultando uma despolitização dos fatos, uma naturalização e compartimentação dos conteúdos. Apesar do processo do retorno ou fortalecimento dos conteúdos a partir dos anos 1970, e que ocorreu numa alavancada do qual denominou-se de uma geografia crítica, repercutindo nos conteúdos de geografia nos livros didáticos em sala de aula como atualidades, relações internacionais, geografia política e geopolítica, o que se evidencia é a falta de compreensão desses dos conhecimentos ou ebulição dos conteúdos diante do processo naturalização ou banalização dos conteúdos através das análises mais populista. A percepção dos alunos direciona-se que o ensino de geografia política e geopolítica restringe-se aos livros didáticos, como um conjunto de informações que serve apenas para serem utilizados em provas de conhecimento geral, como um grande jornais afim de propagar manchetes dos fatos. A necessidade de compreender essa percepção dos alunos é indicativa para se atentar, ou seja, dentro de uma crítica mais embasada, às dificuldades em sala de aula e a reflexão de como a geografia política e geopolítica são compreendidas e produzida em sala de aula. Dentro dessa concepção no desenvolvimento do trabalho tivemos como metodologia empregada opção pela pesquisa bibliográfica demonstrando nuances desses dois ramos do saber e sua formação no ensino e as formas de como ocorre o ensino através de um trabalho de campo no colégio Escola Estadual Conceição Xavier de Alencar Ensino Médio na cidade de Tabatinga – Amazonas, foram utilizadas entrevistas como os alunos pelo turno vespertino, na coleta dos dados foi ocorrida pelo emprego do questionário estruturado e direcionado, sendo a seguinte população amostra.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando em Geografia UFRN, Doutorado em Geografia, Professor do Centro de Estudos de Tabatinga (cstb/UEA).

<sup>2</sup> Professor da Rede Estadual (SEDUC)

<sup>3</sup> Doutorando Doutoranda em Ciências da Educação, Instituto Federal de Brasília.

<sup>4</sup> Professor Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Passo Fundo (RS), Mestrado em Engenharia pela Universidade de Passo Fundo.

<sup>5</sup> Professora da Universidade do Amazonas, mestrado em Genética e Evolução pela Universidade Federal de São Carlos.

<sup>6</sup> Graduando do curso de geografia da UEA-Tabatinga.

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

**Palavras-chave:** Ensino; Prática, Política.

### **Resumen:**

Después de la época del ostracismo, cuando la geografía política fue olvidada debido a su proximidad o recuerdo con la geopolítica y estigmatizada de acuerdo con los intereses imperialistas alemanes, que estaba directamente relacionada con el nazismo. Estos contextos trajeron serias consecuencias al análisis político del espacio, la enseñanza se vio afectada debido a la hegemonización de la escuela francesa que resultó en una despolitización de los hechos, una naturalización y compartimentación de los contenidos. A pesar del proceso de devolución o fortalecimiento del contenido desde la década de 1970 en adelante, que tuvo lugar a través de una palanca que se llamó geografía crítica, con repercusiones en el contenido de la geografía en los libros de texto en el aula, como los eventos actuales, las relaciones internacionales, la geografía política. y geopolítica, lo que es evidente es la falta de comprensión de estos conocimientos o la ebullición del contenido frente al proceso de naturalización o trivialización del contenido a través de análisis más populistas. La percepción de los estudiantes es que la enseñanza de la geografía política y geopolítica se limita a los libros de texto, como un conjunto de información que solo sirve para ser utilizada en pruebas de conocimiento general, como un periódico grande para propagar titulares de los hechos. La necesidad de comprender la percepción de estos estudiantes es indicativa para prestar atención, es decir, dentro de una crítica más fundamentada, a las dificultades en el aula y al reflejo de cómo se entiende y produce la geografía política y geopolítica en el aula. Dentro de esta concepción en el desarrollo del trabajo, la metodología empleada fue la opción para la investigación bibliográfica que demuestra los matices de estas dos ramas del conocimiento y su capacitación en la enseñanza y las formas en que la enseñanza se produce a través del trabajo de campo en la Escola Estadual Conceição Xavier de Alencar Ensino Medio en la ciudad de Tabatinga - Amazonas, las entrevistas se utilizaron como estudiantes para el turno de la tarde, la recolección de datos se realizó mediante el cuestionario estructurado y dirigido, con la siguiente muestra de población.

**Palabras clave:** enseñanza; Práctica, política.

### **INTRODUÇÃO**

De que forma o ensino de Geografia Política e Geopolítica apresenta-se no momento atual na cidade de Tabatinga no Amazonas mais especificamente no colégio

Escola Estadual Conceição Xavier de Alencar (GM3) na cidade Tabatinga – Amazonas. Tem-se em vista no desenvolvimento do trabalho a percepção dos alunos, ou seja, qual será a impressão passada por meio das práticas e do processo de ensino e aprendizagem nos conteúdos de geografia

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

política e geopolítica repassados em sala de aula? Tendo em vista que foram saberes que tiveram em seu desenvolvimento dificuldades para serem aceitos e que os mesmos chegaram a ser evitados por boa parte da academia na formação institucional da Geografia brasileira, ao mesmo tempo o seu contato é automático na mídia de massa. Consequência da grande influência francesa na academia e a formação dos primeiros professores estrangeiros ou mesmo os brasileiros que estudaram na Europa.

A Geografia brasileira sofreu grandes impactos no seu processo de construção e sistematização, em função da formação e tradição essa geografia voltada para o método francês *la blacheano* ainda resisti e, ao mesmo tempo, é duradoura em função de algumas práticas apáticas da metodologia ou da prática do professor em sala de aula, mascarando a importância estratégica política da análise espacial.

Apesar das dificuldades no desenvolvimento desses dois ramos do conhecimento em função de algumas ligações históricas no desenvolvimento dessas áreas, fica evidente que se reforça o estigma que ficou como um resquício existente ainda perene em função dos historiadores, pensando em nosso caso, da Geografia, pois permanecem e cristalizam a imagem de que são saberes a serviços de teorias ditatoriais.

No âmbito do ensino o método regional também foi eficaz na compartimentação dos conteúdos e, ao mesmo tempo, na despolitização do processo de aprendizagem, quando a Geopolítica e a Geografia começam a surgir dentro dessa esfera. Apresenta-se como um conjunto de informações desnaturalizadas e informativas escamoteando realmente sua importância. Sendo *mister* destacar a importância dessa análise para a existência desse fato entre a percepção dos alunos em sala aula.

Apesar da popularização dos conteúdos muitas vezes popularizados como geografia política e geopolítica esses ramos dos conhecimentos trazem imbróglho na cabeça dos alunos em termos de conteúdos, dada a falta do embasamento e do pouco conhecimento dos professores e alunos. Que não sabem trabalhar com esses conhecimentos,

## **METODOLOGIA**

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Diante do desenvolvimento do trabalho a metodologia utilizada e descritiva tem como amostragem a escolha de 20 alunos do ensino médio do turno vespertino através da aplicação de entrevistas feitas de formas aleatórias, para que não ocorresse distração dos alunos, as perguntas ocorreram de forma direcionada, tendo em vista o objetivo de compreender como é visto o ensino de Geografia Política e Geopolítica na cidade de Tabatinga.

Fundamentada na pesquisa bibliográfica e os anseios que perpassaram o ensino de geografia política e geopolítica observando a percepção dos alunos no processo de ensino e aprendizagem seguinte por terceira etapa que constitui a última etapa com o trabalho de campo e reflexão teórica. No desenvolvimento da estrutura do artigo.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Pensar em Geografia do ensino e automaticamente lembrar-se da Geografia dos professores e em Geopolítica sendo uma geografia do poder e da dominação, para o geógrafo francês como remete Lacoste (1988) que se inicia como projeto institucionalizado no Século XXI com surgimento oficial da Geografia dos Estados-Maiors de 1870.

Lembrando que as práticas geográficas e a Geografia dos Estados Maiors são anteriores à disciplina e sua oficialização, quanto ao ensino constituía-se como conhecimento geral já que seu surgimento é possível com o primado do positivismo, tendo em vista, a consideração de o professor deve atentar para o ensino de uma geografia ufanista e ao mesmo tempo “nacionalista” tendo em vista o populismo político e criando um ensino acrítico.

A guerra franco-prussiana (1870 e 1871) resultando na vitória germânica repercutindo na popularização e no aumento da quantidade de aulas nos liceus franceses em Geografia.

Em função desse contexto, para os intelectuais franceses, conforme Moraes (2005) esse fato repercute na importância da Geografia e o fortalecimento de uma leitura espacial e do nacionalismo exacerbado construído pelo ensino de Geografia.

Ribeiro (2012) apresenta a seguinte preocupação,

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Dois fortes motivos levaram a fazê-lo: em primeiro lugar, Febvre, que defendia a interdisciplinaridade e a ampliação dos temas históricos, queria dialogar com seus compatriotas e fortalecer a Geografia de seu país em relação à Geografia alemã. Para tanto, acabou por tentar desmerecer a pujante contribuição de Ratzel, valorizando a Escola Francesa de Geografia. Em segundo lugar, ao enfatizar a dimensão política, a Geografia praticada por Ratzel assemelhava-se à História diplomática, militar e política então hegemônica na França e que Febvre esforçava-se em combatê-la. (RIBEIRO, 2009, p. 02)

Um projeto naturalizante e despolitizado será uma das metas na constituição do ensino de Geografia francês, ao mesmo tempo, objetivando a descrição ao ensino tornava-se mnemônico e enciclopedista, em que as informações e a descrição são partes de uma geografia escolar.

A forma de ensino empregada é dada pela Geografia Regional, mais especificamente, sobre os modelos que são adotados por essa Geografia hegemônica vidalina que ganhará força ultrapassando as fronteiras desse país e, tomando um papel de dianteira no lugar da Geografia Alemã. O ensino de Geografia será instituído desse formato e estimulado por geógrafos franceses na instituição dessa disciplina em nosso país.

Apesar da forma que ocorreu em boa parte da formação geográfica e do método hegemônico de ensino, na interpretação dos fatos geográficos, não se podendo ocorrer uma geografia das causas efeitos na constituição de um determinismo estreito ser injustos em relação à presença de geógrafos alemães que fizeram parte da formação de muitos geógrafos e dos professores de Geografia voltados para ensinamentos fundamental e médio.

Em função dos estigmas passados diante do ensino de Geografia Política e, sobretudo da Geopolítica em função da ascensão do nazismo, a imagem estereotipada desses dois ramos do conhecimento e, a ascensão da Geografia Francesa e sua dominância no Brasil. A predominância no ensino foi dificultada em seu desenvolvimento no país.

Alguns conseguiram vencer a barreira desse meio, entretanto, apesar de uma crítica relacionada que a Geografia Política e Geopolítica constituíram ou cristalizaram modelos vigentes, diante de uma ordem naturalizante dos fatos como os autores abaixo.

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Da mesma forma, Delgado de Carvalho aponta as potencialidades que o estudo da geografia pode trazer para a construção de um projeto nacional, bem como a projeção do Brasil no cenário regional e mundial. Esta projeção, por sua vez, só pode correr se, em tais estudos, forem considerados os aspectos geopolíticos da organização social e territorial brasileira. Tal preocupação está explícita nas principais obras do autor que quase sempre se iniciam com uma discussão acerca dos aspectos geopolíticos brasileiros. As análises desenvolvidas apontam para a necessidade de se atentar para aquilo que o autor denomina de “Posição Geopolítica Brasileira”, que seja, uma análise pautada nas problemáticas territoriais tanto internas como externas que contribuem na configuração do poder nacional e regional. Na construção de tal análise, Delgado de Carvalho desenvolve um diálogo profícuo com os principais autores geopolíticos brasileiros e com as teorias desenvolvidas pelos mesmos. Para Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho evidente está a importância de se compreender a geografia do país, aqui pensada nas diversas paisagens e fenômenos presentes, para que a partir deste conhecimento possa se enfrentar os desafios do futuro. O discurso construído pelos autores revela que o ensino de Geografia não pode ser pensado como algo pouco importante, desprovido de valor e relevância social. Ao contrário, é a partir do mesmo que de fato pode se iniciar o processo de construção de um projeto nacional a partir da vulgarização da geografia, sem que isso signifique diminuir suas leituras e debates. Nesta construção, há um intenso diálogo entre a geografia e a geopolítica por intermédio de conceitos e categorias fundamentais na elaboração destes dois conhecimentos. (GIROTTI e SANTOS, 2011, p. 142).

Para Azevedo (1955), a geografia deve ter um papel de protagonista dentro de uma perspectiva nacionalista já que se trata de um país em construção e que vai ser entendido pelas suas características geográficas.

Portanto, é fundamental e hegemônico o interesse da academia e na sua produção espacial o que realmente acontece nele para o seu processo de desvendamento e, ao mesmo tempo, na elaboração do projeto nacional. O mesmo deve ser seguido na direção do ensino em que cabe aos alunos aprenderem essas espacialidades, nesses momentos direcionadas e produzidas pelo Estado na produção do território.

Além desse teórico não se pode esquecer o papel estratégico de Therezinha de Castro domado com Delgado de Carvalho na construção de um Atlas Geográfico que é constituinte de um ponto importante na diretriz educacional e nas projeções brasileiras, entendendo o território do país e as concepções de mundo do ponto de vista geográfico e Geopolítico para as formas de pensar o mundo, tendo em vista as projeções de poder.

Uma forma pioneira e ousada que vai demonstrar os pensamentos de como é o país e como se concebe ao mundo, portanto, será uma repercussão

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

no ensino de como os livros de Geografia, assim como, os livros didáticos da época reproduzirão as formas de conceber o Brasil por um pensamento geopolítico que entendia o território um país em construção. Para Fonseca e Tonni (2018) o desenvolvimento de uma Geografia Política antecede o ensino.

Salienta-se que a opção deste estudo foi de se trabalhar com a geografia política, subcampo da geografia, e não somente com a geopolítica que encontra-se como matéria interdisciplinar entre as relações internacionais, ciência política, ciências jurídicas, história, geografia, entre outras. Sobre a diferença entre os dois campos de conhecimento, encontram-se algumas explicações. A primeira é de que a centraria seus estudos na relação entre o espaço e a política, já na geopolítica ele se daria entre o poder e a política. (FONSECA e TONINI, 2018, p. 03).

Para as autoras, outros elementos são estudados em função de não serem sub-ramos da Geografia, diferentemente da Geografia Política que, no entanto, encontra-se sobre seu manto abordados.

Entretanto, não se pode esquecer da forma marcante que a Geopolítica era estigmatizada, o fato dessa ojeriza acadêmica, era relacionada em função de ser introduzida pelos militares no Brasil e, ao mesmo tempo, relacionada ao Nazismo e expansionismo alemão como já dito.

Todavia, ao longo do percurso desta análise, apesar da aversão, vê-se que importantes nomes do âmbito acadêmico e, ao mesmo tempo, do ensino, em termos propagadores do ensino Geográfico tiveram uma importante contribuição no ensino e, em pensar o Brasil dentro de uma análise espacial.

O que se observa, ao longo desse percurso, e das ranhuras que ficaram sobre a maneira mais abrangente no ensino de Geografia Política, é que em função da Geopolítica resultou-se em seu enfraquecimento no trajeto de seu desenvolvimento em um grande período no ensino.

Um modelo monográfico adotado pelos livros didáticos e a metodologia empregada em sala de aula reforçam o processo de despolitização e, ao mesmo tempo, de colocar uma Geografia mais informativa e enciclopedista.

Para Horta (2006), no caso brasileiro a forma de como o pensamento geográfico é contado, existe uma ênfase de que ocorreu a sistematização da Geografia Política e especificamente da Geopolítica, contando apenas uma forma de interpretação e a demonização de alguns teóricos, esquecendo por

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

exemplo as práticas ocorridas no mesmo período de forma inversa, ou seja, atuação de uma Geopolítica mais combativa, ativista e denunciativa com outras proposições e que termina esquecida nas análises dos propagadores dessas ideias.

Certamente, a geografia política deveria ser isso: um meio para dissipar os preconceitos “políticos”, ou melhor, uma lente para observar criticamente o aparato de categorias que utilizamos na nossa interpretação e leitura do mundo em sentido “político”; para dissipar as crenças errôneas e as interpretações previsíveis. No entanto, a célebre exortação de kropotkin, que convidava a fazer da geografia um instrumento de conhecimento recíproco e, portanto, de paz foi muitas vezes esquecida e a geografia política foi transformada em um instrumento de guerra. (AGNESE, 2017. p. 11).

kropotkin, *apud* Agnese (2017) demonstra que a geopolítica não conseguiu cumprir seu desempenho por deixar sua função política e, contribuir para a melhoria da sociedade e, ao mesmo tempo, que poderia resultar em grande importância para os fatos sociais, clareando as relações de poder que estão embutidas no espaço, sendo algo fundamental na contribuição do ensino e na compreensão da própria Geografia.

Portanto, devendo ser uma saber estratégico não apenas nas mãos dos Estados ou dos grandes atores que usam esse saber ao seu detrimento, porém, uma importante compreensão do espaço geográfico de forma crítica e que poderia começar com o ensino.

Sem as mudanças temporo-espacial e a evolução do ensino e suas modificações ocorrem em função das novas formas de como organiza-se o mundo dada em função de suas escalas e ao mesmo tempo de novas ferramentas que passam a existir como instrumentos importantes para o ensino e compreensão do mundo como foi o caso dos parâmetros curriculares

Alguns dos elementos iniciais importantes para o debate situam-se no processo de crise e renovação da geografia brasileira, que encontrou diferentes entraves para ganhar força nos espaços escolares, sendo um dos principais a substituição de história e geografia pela disciplina estudos sociais, em 1971. Foi também neste período que a metodologia dos círculos concêntricos ganhou força. Tal metodologia consiste na ideia de que a ordem dos conteúdos deve seguir as etapas do desenvolvimento psicológico do aluno e, por isso, deve ir do concreto ao abstrato e do local ao global. Neste sentido as escalas geográficas iam sendo hierarquizadas, afirmando-se implicitamente ser a escala local mais simplificada e a global mais complexa. A ideia dos círculos concêntricos perdurou mesmo após a reorganização do



## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

currículo, fato que só ocorreu em 1997 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Estes entraves fizeram com que o movimento de renovação da geografia brasileira conquistasse maior espaço na educação básica somente a partir da década de 1980, através do contexto de redemocratização no país. Entretanto, sobre o assunto, Kaercher (2002) afirma que a geografia crítica produzida neste período não chegou a ser, de fato, incorporada na educação básica por que apesar dos conteúdos terem sido renovados houve, de forma geral, uma continuidade dos velhos métodos de ensino. Prevaleceu uma pedagogia tradicional, nos moldes da educação bancária de que nos falou Paulo Freire, embora com conteúdo renovado. Essa situação, entretanto, não ocorreu de forma homogênea, 89 Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.2, p. 88-98 ISSN: 2236-4994 DOI: 10.5902/2236499424484 pois iniciativas de cunho mais progressistas certamente ocorreram, a depender de cada contexto, instituição de ensino e de cada profissional. (BOROWSKI e FONSECA, 2017, p 89 - 90).

A sensibilidade de vários geógrafos ao redor do mundo foi fundamental para o despertar político, como parte da análise dos acontecimentos geográficos, pois é importante lembrar que essa ação foi feita para além do âmbito acadêmico. Apesar de muitas vezes esses geógrafos serem exilados e realmente excluídos por parte de seus países, como o caso francês com Élisée Reclus, o sujeito histórico, geográfico e ativo, em função na busca da melhoria da sociedade e desse quadro de lutar contra qualquer tipo de desigualdade.

Conforme Giroto e Rech (2016), a importância do ensino nesse sentido aparece como arma fundamental na perspectiva da mudança da Política e da Geografia que pode fomentar nas escolas para uma consciência social.

Ao mesmo tempo, uma figura não menos importante e, que se posiciona do lado oposto a geopolítica propagada como expansionista e que diante de análises políticas *ratzelianas*, tem-se Kropotkin (1842-192).

No entanto, no final do século XIX, antes do advento da Geografia Crítica, Piotr Kropotkin (1842-1921), importante geógrafo e anarquista russo, que muito contribuiu com formação da ciência geográfica, já produzia significativos textos ressaltando o papel político do Ensino de Geografia, dentre os quais se destaca O que a Geografia deve ser, de 1885. A vida e a obra de Kropotkin apresentadas por Woodcock (2002) nos dão a dimensão da importância de sua contribuição para a Geografia Moderna. Contudo, em uma primeira aproximação com a história do pensamento geográfico, nota-se evidente ausência desse estudioso russo nos manuais da área, omissão esta ressaltada por Vesentini (1986): “trata-se, sem dúvida alguma, do principal omitido em todas as obras que buscam historiar essa modalidade do saber, da fala que é via de regra ignorada e assim silenciada” (JULIANI, 2018, p. 35).

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Tendo como fonte de inspiração a análise geográfica libertária no sentido de estimular a mudança do mundo pela perspectiva política geográfica já que o espaço é permeado das relações de poder.

Esse desvendamento pode ser demonstrado pela análise espacial tendo como parte constituinte e inicial, o ensino que desperta esses sentidos críticos em nossos alunos para o despertar além das aparências, tendo em vista que o ensino não deve ser uma mera descrição.

### **PENSANDO EM NOVO MOMENTO O ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA NO SÉCULO ATUAL**

Deve-se partir do princípio que a Geografia deve ser entendida da dinâmica atual e que implica diretamente afetando-a, deve ser pensada a partir do ponto de vista de novas lógicas das estruturas, portanto, somente da lógica do Estado e ao mesmo tempo de cunho estatal sem levar em consideração grupos sociais e interesses de classes e grupos sociais, portanto, que muitas vezes vão contra o projeto territorial nacional do Estado, a organização espacial e que constituem as relações de poder do mundo, agora entendido para além dos Estados, mesmo assim, considerando os mesmos como parte dos atores territoriais.

Lacoste (1988) aponta que o fazer geográfico vai ser regido pela posição adotada no mundo, por exemplo, o professor advogando diante de seu posicionamento político, portanto, seria seu posicionamento social ou de manutenção quanto ao *status quo* em diante da posição que toma frente a dominação e libertação na produção do espaço geográfico.

O período de 1897 a 1945 foi marcado por “conflitos” entre escolas e correntes, principalmente entre as escolas alemã e francesa. Assim, se reconhece um fortalecimento do Estado nacional com características marcadas na disputa por territórios, o que fez das escalas nacional e global as mais referenciadas nos estudos daquele momento. Nesse período, os estudos da Geografia Política demonstravam a centralidade Estatal, com forte base nacional (bases internas de poder), bem como um grande exercício do poder do Estado nos aspectos territoriais. No período seguinte, por volta dos anos de 1945 a 1970, apresentam-se grandes mudanças em relação às formas de análise da Geografia Política e o rompimento desta com a Geopolítica clássica, fato esse motivado por estudiosos franceses, por exemplo, que não queriam que sua Geografia Política se confundisse com aquela Geopolítica pragmática, agressiva e expansionista que surgia no cenário mundial. Esta última, que nasceu oficialmente pelo sueco

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Rudolf Kjellén, definiu-se primeiramente como “ciência que estuda o Estado como organismo geográfico”.

Assim, a Geografia Política, até o final da década de 1960, sofreu forte impacto dos desdobramentos do nazismo, do fascismo e do holocausto, conduzindo-a ao isolamento nas pesquisas e estudos. Assim, fechou-se em seus temas tradicionais como fronteira, territórios dos Estados, divisões políticas, entre outros, não expandindo sua agenda temática (CASTRO, 2012).

Antes de seu mais importante processo de renovação teórica e metodológica, que só vem a se constituir definitivamente nas décadas de 1970 e 1980, a Geografia Política é acompanhada por continuidades de pensamentos que estavam sendo construídos momentos antes, pensamentos significativos para esse ramo da Geografia. Tal fato advém ainda de 1950, do contexto internacional do pós-guerra, que estimulou seu notável crescimento nos EUA. Entre as contribuições aparecem autores como Richard Hartshorne, Jean Gottmann, Carlson, entre outros, com consistentes visões e estudos (TEIXEIRA e SILVA, 2015, 136 - 137).

As formas de posição e de entendimento são que resultam na compreensão da leitura espacial na produção da produção do espaço de acordo com as necessidades dos grupos, que muitas vezes não é discursos homogêneo e tendo supremacia da produção oficial do Estado. Pontuschka (1999) a forma de como o ensino é feito por meio dos parâmetros curriculares já constituem uma forma autoritária de apresentação escolhida pelo Estado.

A alternativa e a constante reflexão sobre a prática educativa levam o professor a buscar caminhos próprios, o que muitas vezes faltam em algumas atitudes nos professorados, caindo na ditadura do livro didático pelas facilidades apresentadas e dadas pelos conteúdos concebidos.

### **DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA ANÁLISE PERCEPTIVA DOS ALUNOS.**

Dentro dessas observações, a busca pelos conteúdos de Geografia Política e Geopolítica, tendo em vista a movimentação de renovação, atenta-se as concepções impregnadas pelos alunos da Escola Estadual Conceição Xavier de Alencar do Ensino Médio por meio da entrevista direcionada aos alunos, do turno vespertino do Ensino Médio.

“O Fácil” pela análise dos fatos corriqueiros na grande mídia dos fatos pelo professor

São acessíveis a todos em função da democratização e da internet em trata de “tudo” que populariza os acontecimentos e sobretudo, os dados políticos

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

de várias partes do mundo onde a abertura dos acontecer em países fechados não se sabia de nada.

De acordo com os entrevistados 20 alunos de forma aleatória nas três séries do ensino médio, tendo em vista a percepção dos alunos, para que não ocorresse distração, as perguntas sobrevieram de forma direcionada ao objetivo de compreender como é visto o ensino de Geografia Política e Geopolítica no Ensino Médio na cidade de Tabatinga.

No quadro abaixo demonstra-se algumas dessas concepções identificadas.

O quadro demonstrativo foi baseado em entrevista com os alunos e o questionário aplicados com os alunos tendo em vista a compreensão referente ao entendimento sobre geografia política e geopolítica.

A coleção Jose Eustaquio de Sene contém o seguinte item quadro abaixo.

Quadro 1: Representação dos Alunos em Sala sobre o que é ministrado.

<b>Apresentação dos Conteúdos</b>	<b>Percepção</b>
Percepção Geopolítica de Forma Geral trabalhados de forma comum observada pelos Livros Didáticos	Assuntos Cansativos que são restrito aos livros didáticos e ao mesmo tempo reduzido a leitura do Livro Didático Utilizado em sala de aula
Não existi estímulo para indagações por parte dos alunos	Os conteúdos não tem importância para a espacialidade vivida
O professor não faz menção aos alunos sobre os conteúdos ministrados com a realidade e lugar que o aluna se localiza diante do seu contexto	São conteúdos que devem ser ministrados que podem ser importante para exames futuros que se o aluno tiver interesse e pode tirar proveito para a prova.
Não existe temática relacionadas ao espaço em que ele vive e não ocorre relação com as aulas ministradas	São conteúdos que devem ser passados e decorados pelos alunos para aprovação. Como são conteúdos teóricos os alunos perdem a atenção

Fonte: Autores.

Os conteúdos dos livros didáticos voltados para o ensino médio são notados em grandes quantidades, entretanto, ao utilizar os livros os professores direcionam as atividades do livro geralmente relacionando as perguntas em formato de questionário existentes nesse material didático, o que os tornam

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

mecânicos, acríticos e, ao mesmo tempo, enfadonho sem nenhum significado em função de restringir-se a uma atividade de sala de aula.

A falta de um significado e repetição das atividades, às vezes cansativas, em função de uma leitura grande sem sentido e muitas vezes feita sem o entendimento da leitura, restringindo-se somente em identificar as respostas de maneira mecânica, sem nenhuma análise e resultando numa despolitização no debate ao estímulo de uma Geografia Política e Geopolítica.

Em função da metodologia empregada não existe uma relação entre professor e aluno, pois o aluno somente fica preso nas realizações das atividades do livro didático. O professor restringe-se ao visto dos exercícios, nesse sentido a nota é fundamental para prender atenção do aluno e executar as atividades, sendo a finalidade maior.

Outra grande dificuldade é dialogar com os conteúdos existentes nos livros, não ocorre uma interação no espaço de vivência dos alunos, os conteúdos apresentam-se à parte e parecem distante, no sentido de não interferem em seus cotidianos. Existe uma relação de algo que já foi visto, geralmente na grande maioria de forma acidental, com algum conteúdo que está no livro, porém entendido como algo informativo sem significado, ao certo que os alunos poderiam explicar de forma mais aprofundada e sistematizada.

Mesmo na constituição de uma tríplice fronteira, a constituição de outros países o que se observa é que este processo é naturalizado, emergindo aos olhos dos alunos devido ao baixo ou quase interesse nenhum sobre essa temática. Nesse sentido, nem um trabalho de campo ou uma pesquisa mais sistematizada foi promovida pelos professores.

No caso específico a fronteira é uma entidade fundamental na constituição dos Estados denominada o invólucro territorial, mesmo tendo como ponto de partida a discussão mais social, ela é parte que abriga componentes importante me uma sociedade nacional, o fato de ser uma zona contato requer uma certa importância, tendo em vista que os processos devem ser mais diversos do restante do território, para Nogueira (2007) esse espaço pode ser visto em três dimensões, a fronteira como zona de controle onde o aparato nacional é estabelecido em torno de qualquer ilegalidade em função do Estado conseguir regularizar os fluxos que podem “perturbar” sua ordem.\_Algumas

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

características muito elementares sobre a interpretação do fenômeno como apenas um elemento de contato, separação que deixando alguns elementos que poderiam ser explorados e trabalhados pelos alunos

As fronteiras territoriais aparecem na coleção FG como “limites do alcance das relações de poder exercidas entre os diversos agentes”. Faz-se, apenas nessa coleção, a distinção entre os dois conceitos (limite e fronteira), algo caro à GP e densamente trabalhado na GP brasileira. Dessa forma, caracteriza-se no LD limite associado a uma linha e fronteira a uma faixa. Essa distinção permite aos alunos e professores o exato sentido que cada uma exerce. Enquanto a linha que divide dois países exerce o limite de atuação de um Estado, ligado a sua soberania e ao uso de sua força legítima; a fronteira está ligada à troca, à circulação, à cultura (FONSECA e TONINI, 2018, p. 07).

A fronteira de vivência tendo ou vivida são os elementos que constituem o espaço social, a subjetividade, as significações, as simbologias são partes que constituem o universo das pessoas, as relações interpessoais são frutos dessa dinâmica o espaço terá significado através de todas as tramas existentes dentro da concepção estabelecida por cada pessoa, sendo assim, os significados podem ser diversos tendo em vista as relações de cada pessoa com o espaço. De acordo com Frasson, Schlosser (2014, p. 91).

Para Gonçalves (2010, p. 14), “o lugar é orgânico, comunicacional e marcado por uma ordem que funda a escala do cotidiano”. O lugar na fronteira não tem limites, as fronteiras do lugar em espaço de fronteira, são estabelecidas pelo próprio sujeito ou, então, os limites internacionais para o sujeito não existem, quando os dois lados da fronteira simultaneamente constituem-se em lugar. Faz sentido quando a professora Claudimery diz que “Os pais dos alunos do Paraguai, que fazem essa rota (entre Santa Terezinha de Itaipu/BR e localidades do Paraguai), não percebem que têm essa fronteira entre um país e outro” (IZÉ, Entrevista, nov. 2012).

Como já dito as questões relacionadas a fronteira devem ser entendidas dentro da relação espaço e poder, questão fundamental em qualquer análise geopolítica ou de geografia política ou temática nessas áreas que podem ser visualizadas e trabalhadas dentro da perspectiva dessas disciplinas.

TEMAS SUGERIDOS PELOS ALUNOS
Espaço
Lugar
Fronteira

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

Cidade
Migração
Países

Quadro 2: Temas sugeridos para estudos pelos alunos.

Fonte: Autores

A constituição do ensino de geografia política e geopolítica suscita inúmeras temáticas percebidas pelos alunos, tendo em vista que a aprendizagem deve ser entendida dentro de uma perspectiva de significância, o professor poderá trazer elementos importante nesse processo de construção, portanto, sendo um elemento importante para o ensino de que os alunos consigam transpor o conhecimento aprendido em sala de aula para a vida prática.

A ideia de teoria e prática dentro dessa visão constitui-se um dos elementos que são estratégicos para os alunos compreender que os conteúdos podem ser contextualizados e ao mesmo tempo que exista uma preocupação de que o professor deva ter como um dos elementos de preocupação a importância dos conhecimentos para a melhora de vida sendo parte do processo de construção da cidadania que a formação escolar exige do aluno.

Os temas levantados pelos alunos vão em direção a essa característica

[...] parece ser papel do professor bem mais complexo do que a simples tarefa de transmitir o conhecimento já produzido. O professor, durante sua formação inicial ou continuada, precisa compreender o próprio processo de construção e produção do saber científico e do saber escolar, conhecer as características da cultura escolar, saber a história da ciência com que trabalha em que pontos eles se relacionam. (PEREIRA, 2000, p.47)

O ponto de intercessão ou construção do conhecimento é ponto crucial fundamental nesse processo que constitui um dos elementos estruturantes da formação dos alunos e ponto estratégico do ensino tendo em vista o conhecimento dos conteúdos, saber pedagógico e contexto do conhecimento empírico do aluno.

A concentração dos conteúdos em torno dos livros didáticos em sala de aula constituem um dos problemas para o desenvolvimento da compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula, tendo em vista essa constatação apontamos alguns elementos que propiciam essa questão

Formas de Utilização na Prática Pedagógica do Livro Didático
Leitura
Exercícios do Livro
Entendimento dos Conteúdo pelo Conteúdo do Livro
Restrições dos Assuntos Somente do Livro Didático

Quadro 3: Temas sugeridos para estudos pelos alunos.

Fonte: Autores

Aqui cabe ressaltamos que o livro didático é uma ferramenta fundamental no ensino, portanto, não podendo ser discriminado ele tem um papel impar na constituição do ensino, é evidente que a forma de como é conduzido o livro nas práticas em sala de aula, o centralismo que o professor faz em torno do uso desse material são partes da formação do ensino em sala de aula, entretanto, não devemos esquecer de a constituição dos livros, a resolução dos problemas são elementos que constituem pontos de evolução desse material.

Muitos professores costumam reclamar desse material por não atender ou abordar assuntos que julguem importante, mesmo não contendo esse ou aquele assunto o professor deve conduzir o aluno a análise, observação e ao mesmo tempo as suas particularidades dos conteúdos, nota-se que o espaço de vivência tão presente dos alunos como é o caso da fronteira esquecida. É o professor constitui o papel do fio condutor é somente ele que vai conseguir fazer essas relações entre os conhecimentos.

Entre os recursos usados pelo docente de geografia está o livro didático, como análise referencial do trabalho em questão, instrumento este essencial, senão indispensável, pelo menos necessário como complemento às atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado apenas como um dos recursos entre os que já foram citados. Ao nos depararmos com um livro didático devemos nos perguntar, até que ponto o mesmo é suficiente para a apreensão dos conteúdos pelos alunos? Alguns livros didáticos trazem em sua essência os interesses da classe dominante, logo mascarando a real situação em que estamos vivendo tão quanto a realidade vivenciada pelos alunos. Desta forma, cabe ao professor a tarefa de desvendar as contradições que estão presentes em cada conteúdo trabalhado no livro. Esta tarefa é um tanto complexa, árdua e difícil, pois o professor muitas vezes, é refém do



## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

livro didático, submetido a um processo de alienação e por isso, reproduzem em sala de aula, as desigualdades existentes na sociedade. (TAVARES e CUNHA, 2011, p. 2 - 3).

Os autores acima demonstram que a problemática do livro didático não restringe apenas como percebido na utilização do mesmo, ou seja, apenas em seu uso e manuseio, estes teóricos levantam a questão da escolha do livro didático, a sua adoção que cada escola pelos professores escolheram os livros, portanto, a análise do conteúdo, formas de abordagens, metodologia utilizadas são caminhos que o professor deve adotar ou considerar como elemento fundamental em sua adoção.

Assinalamos que nada impede o professor de trabalhar outros conteúdos ou outras abordagens para permear os assuntos ou mesmo de abordar novas versões mais críticas, conservadoras daqueles conteúdos explicitados em sala de aula.

Os conteúdos ministrados em geografia política e geopolítica devem ser colocados de forma crítica e ao mesmo tempo correlacionado com a realidade seu atores e propósitos a que se direcionam e qual demanda e interesses estão representados.

### **CONCLUSÃO**

Passado o momento de ostracismo da Geopolítica e até mesmo da Geografia Política é evidente o fortalecimento no meio acadêmico, institutos de pesquisas, na publicação de livros, artigos e trabalhos gerais, eventos.

Observa-se a adoção ou mais especificamente, a volta da Geografia Política, como disciplina permanente nas grades curriculares dos cursos de geografia. Dentro do ensino médio podemos ver uma ressuscitação da geografia política e ao mesmo tempo diante da geopolítica. A grande mídia trouxe e vários periódicos digitais trazem uma análise nessa concepção.

É importante destacar que a (re)descoberta da política é ocorrido em função da descoberta dos meios de comunicação, não podemos esquecer os livros didáticos são importante nesse meio para essa massificação, ao mesmo tempo os chamados conteúdos de atualidades em preparação de cursos em sala de aula ao mesmo tempo nos exames pré-adimensionais.

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

O que pensar sobre a Geografia Política é ao mesmo tempo remeter-se a Geopolítica, no entanto, apenas uma faceta, ligada a imagem introdutória de Ratzel e, ao mesmo tempo, a lembrança do expansionismo alemão e do espaço vital são colocados como acontecimentos no processo de evolução da disciplina, assim repassados pelos livros didáticos e colocados pelos professores.

O que se deve ressaltar é que além da ausência de análise e de tornar-se um conteúdo enfadonho e, restrito a exercícios do livro didático, as práticas pedagógicas terminam despolitizando a importância do ensino em Geografia Política e Geopolítica por meio de uma geografia dos professores entendida por Yves Lacoste (1984) como uma geografia descomprometida com a ação e transformação do espaço pelo homem.

A necessidade pensar criticamente requer a participação mútua no processo de construção do ensino de geografia política e geopolítica recai de forma direta em novas leituras dos fatos, participação dos alunos e relações contextualizadas que ultrapassem as formas tradicionais de compreensão do ensino de geografia, ao mesmo tempo pensar que esses dois tipos de reconhecimento remete pensar além dos Estados territoriais, os novos atores mundiais constituem um passo importante no processo de desenvolvimento e entendimento de que o espaço ele é na realidade feito das relações entre poder e espaço.

### **REFERÊNCIAS**

AGNESE, Elena Dell. Que a Geografia (Política) Deve Ser. A Geografia Política entre a Paz e a Guerra. *Boletim Gaúcho de Geografia*. V. 44, nº 1/2, 2017.

AZEVEDO, A. A geografia a serviço da política. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 21, São Paulo, Outubro de 1955.

BOROWSKI, Lara Moraes; FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. Geografia, *Ensino & Pesquisa*, Vol. 21 (2017), n. 2, p. 88-98.

DE SENE Jose Eustaquio Geografia Geral e do Brasil. 8º Ano, editora Spione, São Paulo, 2008.

FONSECA, Ludmila Losada; TONINI, Ivaine Maria. Os Dizeres de Geografia Política nos Livros Didáticos de Geografia do Ensino Médio. In: *I Colóquio*

## ***Uma percepção do ensino de geografia política e geopolítica***

*Internacional de Educação Geográfica*, Maceió - AL, Grupo de Trabalho 2. Maceió – AL. p. 01-12. 2018.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; RECH, Roberto Carlos. Educação e Geografia em Élisée Reclus: Presença e ausência nas diretrizes curriculares de Geografia do Paraná. *Terra Brasília* (Nova Série), 7, 2016.

GIROTTTO Eduardo Donizeti; SANTOS, David Augusto. A Geopolítica e O Ensino de Geografia: Estratégias. Didáticas Para a Retomada do Diálogo. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 15, n.3, set./dez. 2011.

HORTA, Célio Augusto da Cunha. Geografia Política e Geopolítica: Velhas e Novas Convergências. *GEOgrafia* – Ano VIII -N. 15. 2006.

JULIANI, Jhonny. Ensino de geografia e Sociedade em Piotr Kropotkin. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia-MG, v. 9, n. 16, p. 34 - 53, jan./jun. 2018.

LACOSTE, Yves. *A geografia: serve, antes de qualquer coisa, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus: 1988.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: Hucitec, 2005.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, dez. 2007.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. *Formação de Professores: pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *A disciplina escolar e os currículos de geografia*. In: Para ensinar e aprender geografia. 3º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, Guilherme. “Luta pela Autonomia e pelo Território: Geografia e os estados alemão e francês na virada do século XIX ao século XX” *Mercator – Revista de Geografia da UFC*. a.08, nº 15, jan./abr. 2009.

TAVARES, Daniel Alves; CUNHA; Jacksilene Santana. O Livro Didático e o Ensino de Geografia: Algumas Reflexões. In: *V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão - SE, p. 1-11. 2011.

Recebido: 21 de fevereiro de 2019

Aceito: 09 de março de 2020

Publicado: 30 de março de 2020